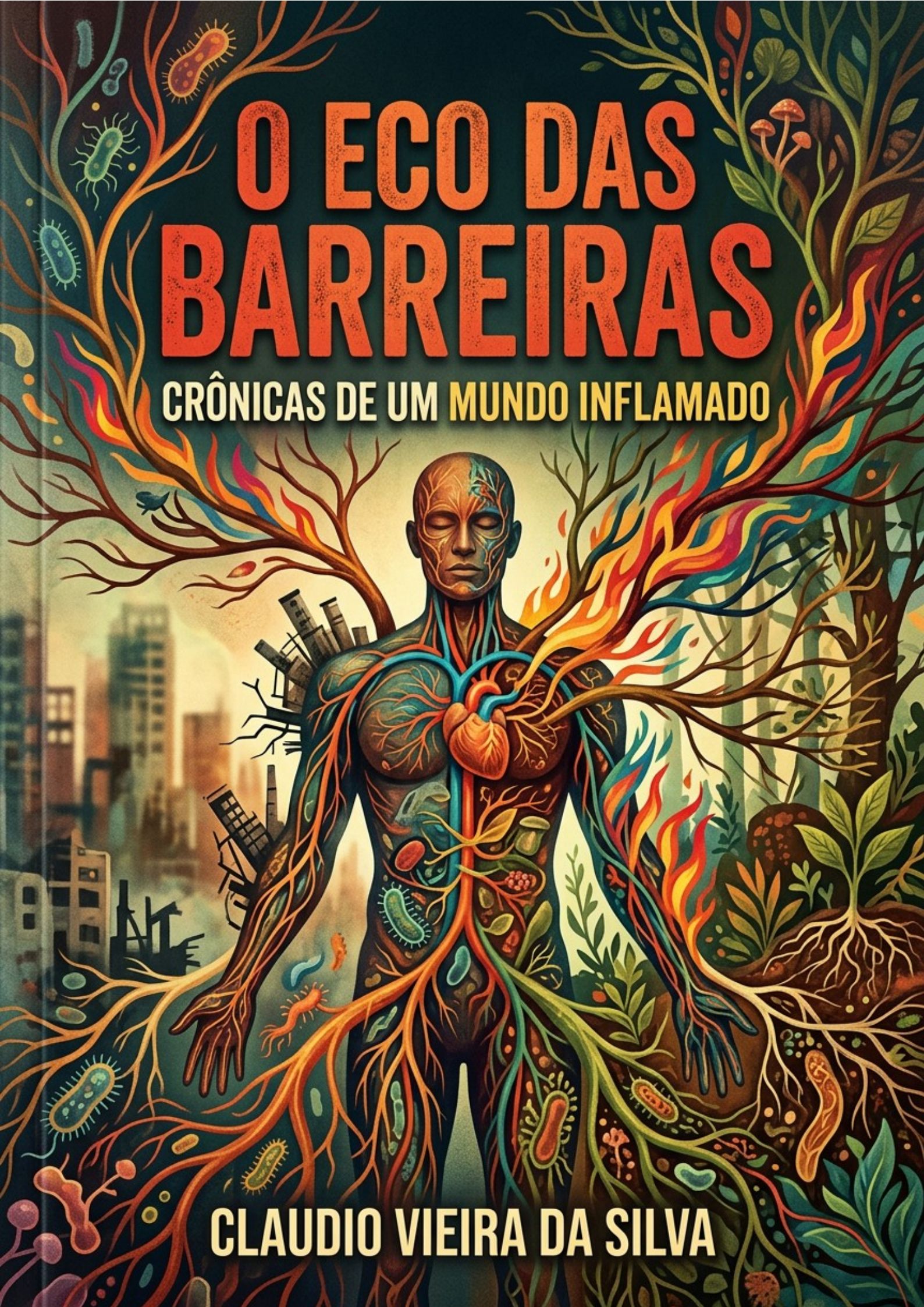


# O ECO DAS BARREIRAS

CRÔNICAS DE UM MUNDO INFLAMADO



CLAUDIO VIEIRA DA SILVA

# O ECO DAS BARREIRAS: CRÔNICAS DE UM MUNDO INFLAMADO

---

## SUMÁRIO

**PREFÁCIO** – O Fim do "Eu" e a Ilusão da Assepsia

**CAPÍTULO 1** – A Boca, a Fáschia e a Fronteira

**CAPÍTULO 2** – Disbiose Urbana e Macrófagos de Jaleco

**CAPÍTULO 3** – O Exposoma de um Crime: Investigação no Antropoceno

**CAPÍTULO 4** – Tolerância Central e Extremismo Periférico

**CAPÍTULO 5** – Necropolítica e a Cascata de Citocinas

**CAPÍTULO 6** – Epigenética da Trincheira: Heranças do Mundo Degradado

**CAPÍTULO 7** – O Sequestro do Microbioma (Neocolonialismo Patogênico)

**CAPÍTULO 8** – Simpoiese no Asfalto: Invasão ao Laboratório

**CAPÍTULO 9** – *Immunitas* ou *Communitas*? O

Desfecho Holobionte

**EPILOGO – Viver e Morrer em Simbiose**

---

## **PREFÁCIO**

### **O Fim do "Eu" e a Ilusão da Assepsia**

Durante séculos, a perspectiva de mundo ocidental eurocêntrica nos contou uma mentira higiênica e perigosa. Fomos ensinados, na base do cartesianismo, que éramos indivíduos isolados, castelos fortificados por nossa pele, e que o mundo exterior era o inimigo. A lógica formatada para nós foi a da exclusão e da aniquilação do "Outro". O que não é "Eu", deve ser destruído. Foi essa mesma lógica que justificou o neocolonialismo, a escravidão, o extrativismo predatório e, inevitavelmente, a nossa atual crise ecológica e social no coração do Antropoceno.

Mas a biologia, quando não sequestrada pelo mercado, ri da nossa soberba.

Nós não somos "um". Somos um *Holobionte*. Uma ecologia ambulante. Para cada célula humana em nossos corpos, há bactérias, fungos e vírus. Nossa microbiota não é um conjunto de passageiros clandestinos; é um órgão difuso, pesando mais de dois quilos, moldando nosso humor, nossa imunidade e nossa sobrevivência. A ideia do "próprio e do não-próprio" — o pilar da imunologia clássica — está desmoronando. O sistema imune não é um exército de aniquilação, é um diplomata que negocia fronteiras, praticando *simpoiese*: o fazer-com, o criar em conjunto.

Esta história acompanha Dandara e Caio, estudantes inseridos nas trincheiras do cuidado em saúde (a Fisioterapia e a Odontologia). Eles vivem em um mundo degradado, onde o conceito de *Immunitas* (a defesa que isola e mata) colide com a *Communitas* (a vida em comum que acolhe).

O que você lerá a seguir é uma jornada por vielas sociais e teciduais. Uma aventura onde um crime expõe a necropolítica que inflama

corpos inteiros. Porque quando a intolerância extrema domina a sociedade, o corpo escuta. A disbiose social vira disbiose intestinal; o racismo e a miséria tornam-se marcas transgeracionais epigenéticas; e a inflamação crônica nos mostra que, se não aprendermos a viver e morrer juntos nas ruínas deste mundo, o nosso próprio sistema imune nos devorará.

---

## **CAPÍTULO 1**

### **A Boca, a Fáscia e a Fronteira**

A Clínica Integrada da Universidade Federal cheirava a eugenol, suor e desespero burocrático. Era uma terça-feira quente em uma metrópole que parecia sufocar sob o peso do próprio concreto. Na baía número quatro, Caio ajustava o refletor sobre o rosto de Seu Alceu. O estudante de Odontologia, criado em condomínios fechados onde a sujeira era invisível, encarava a cavidade oral

do paciente como quem encara um campo minado.

— É periodontite severa, professor — disse Caio, ajustando a máscara tripla. — Perda de inserção, sangramento à sondagem, bolsas de oito milímetros. O cálculo dental invadiu a região subgengival. Vou precisar fazer raspagem e prescrever clorexidina e antibiótico. Matar a placa. Eliminar a bactéria invasora.

Na baía ao lado, separada apenas por um biombo de lona encardida, Dandara revirou os olhos. Estudante de Fisioterapia e veterana em movimentos sociais de moradia, ela massageava a fásia cervical de Dona Zildete, uma mulher cujos ombros carregavam três jornadas de trabalho e o peso de um Estado ausente.

— "Matar o invasor" — murmurou Dandara, alto o suficiente para Caio ouvir por cima do ruído do sugador. — A velha lógica militar, Caio. Você quer jogar uma bomba atômica no microcosmo do Seu Alceu.

— Dandara, eu estou lidando com *Porphyromonas gingivalis*. É um patógeno. É o Não-Próprio destruindo o Próprio. O epitélio juncional do dente dele foi rompido. A barreira caiu!

— A barreira não "caiu" do nada, playboy — retrucou ela, enquanto seus dedos encontravam um nódulo de tensão no trapézio de Dona Zildete. — A microbiota oral dele é um órgão. Você está lidando com uma *disbiose*. O equilíbrio simbiótico foi pro espaço não porque a bactéria é má, mas por causa do terreno. O que o Seu Alceu come? Onde ele mora? Qual é o *exposoma* dele? A poluição que ele respira no ponto de ônibus, o ultraprocessado barato que o mercado impõe... tudo isso muda a sinalização química.

Caio suspirou, pegando a cureta McCall. Ele odiava quando Dandara misturava sociologia com saúde celular, mas no fundo, as aulas de Imunologia Básica ecoavam em sua mente. Ele sabia que, sob o tártaro de Seu Alceu, o sistema imune estava em pânico. Macrófagos

residentes nos tecidos gengivais estavam engolfando restos de bactérias mortas e liberando citocinas pró-inflamatórias — Interleucina-1, TNF-alfa. O corpo de Seu Alceu tentava expulsar o que não reconhecia, mas, nesse desespero de sobrevivência, ativava osteoclastos, células que começavam a reabsorver o próprio osso que segurava o dente. Era o fogo amigo. A imunidade que, na tentativa de proteger o "Eu", destruía a sua própria base.

— E qual a sua solução, fada sensata? — provocou Caio, irrigando a boca do paciente. — Conversar com as bactérias? Dar cotas para os estreptococos?

Dona Zildete riu, o que fez seu músculo esternocleidomastóideo relaxar sob as mãos de Dandara.

— Não é piada — disse a futura fisioterapeuta, a voz baixando para um tom mais sério. — O corpo de Zildete aqui está sob estresse crônico crônico. O cortisol dela está nas alturas há vinte anos. Sabe o que isso

faz? Quebra as barreiras de tolerância imunológica. O intestino dela começa a ficar permeável. Proteínas mal digeridas e endotoxinas passam para a corrente sanguínea. O sistema nervoso simpático não desliga. Nós chamamos isso de inflamação crônica de baixo grau.

Dandara pausou, olhando para a cicatriz no braço de Zildete, uma marca de violência policial sofrida na juventude, em um despejo truculento.

— A necropolítica do Estado decide quem vive e quem morre na periferia — continuou Dandara, aprofundando a liberação miofascial. — O medo constante gera marcadores epigenéticos. Metilação de DNA. Modificações em histonas. Zildete vai passar essa hiper-reatividade inflamatória para as netas dela, de forma transgeracional. A lógica de exclusão dessa cidade, esse mundo binário de "nós contra eles", cria doenças imunomediadas. É o mundo social degradado danificando as células T-reguladoras.

Antes que Caio pudesse responder com seu ceticismo habitual, algo inusitado aconteceu.

O som de um corpo caindo ecoou na recepção da clínica, seguido de gritos agudos.

Caio soltou a cureta. Dandara parou a massagem. Ambos correram para a entrada.

No chão de granito rachado da faculdade, um homem vestido com o uniforme da empresa "BioAgro NeoCol" contorcia-se. Não era um desmaio comum. A pele do homem estava coberta por placas vermelhas e urticária severa — um sinal clássico de degranulação maciça de mastócitos. Ele estava em choque anafilático, mas havia algo bizarro: sangue escuro e espumoso vazava de suas gengivas e narinas, como se todas as membranas mucosas estivessem falhando ao mesmo tempo.

Uma mulher de terno barato, exibindo um distintivo de Investigadora de Polícia preso ao cinto, já estava ajoelhada ao lado do homem,

segurando uma caneta de epinefrina, hesitando. Era a Inspetora Lúcia.

— Afastem-se! — gritou a inspetora. Mas Caio, focado no sangramento oral, já estava de luvas, abrindo a boca do homem.

— As mucosas estão necrosando rápido demais! — gritou Caio. — Não é só anafilaxia. As barreiras epiteliais estão se dissolvendo!

Dandara tocou o peito do homem. Os músculos estavam duros como pedra, uma rigidez sistêmica absurda.

— Inspetora — disse Dandara, olhando para a logo no peito do homem agonizante —, o que a BioAgro NeoCol faz exatamente?

— Eles vendem agrotóxicos e modificadores de solo para as novas fazendas do leste da cidade — rosnou a policial, injetando a epinefrina na coxa do homem, sem efeito visível. — E este é o terceiro funcionário que "derrete" por dentro esta semana.

Dandara e Caio se olharam. A metáfora havia acabado de se tornar material. A empresa que operava na lógica do neocolonialismo, que esterilizava a terra matando tudo o que considerava "Não-Próprio" para o mercado monocultor, parecia estar gerando um gatilho biológico letal. Uma molécula, um novo antígeno artificial, um erro no ecossistema que estava quebrando o código do holobionte humano, causando uma falha multissistêmica.

A barreira entre o ambiente e o indivíduo havia sido rompida. E, nesse mundo onde não há separação real, a guerra química do mercado acabava de invadir a clínica universitária.

— Pegue as gazes — disse Dandara para Caio, o tom de atrito substituído por urgência médica. — Vamos ter que estancar o mundo antes que ele sangre até a morte.

---

## **CAPÍTULO 2**

### **Disbiose Urbana e Macrófagos de Jaleco**

A fita amarela da polícia agora cruzava a entrada da Clínica Integrada, transformando o ambiente acadêmico em uma cena de crime. O cheiro de eugenol havia sido engolido pelo odor metálico de sangue e pelo cloro derramado apressadamente pela equipe de limpeza, que agora aguardava no corredor, assustada.

Caio tirou as luvas sujas de sangue e as jogou na lixeira de resíduos infectantes com mais força do que o necessário. Suas mãos tremiam levemente. Ele havia passado os últimos três anos de sua vida decorando nomes de forames cranianos e vias de cascata de coagulação, mas os livros não o prepararam para ver um homem dissolver-se por dentro.

Dandara estava sentada na cadeira de mocho da odontologia, bebericando uma água que a Inspetora Lúcia lhe entregara. Ela parecia mais calma, embora a ruga profunda entre suas sobrancelhas denunciasse o maquinário de seu cérebro trabalhando a mil por hora.

— Nome, idade e cargo, para o registro oficial  
— pediu Lúcia, com um bloco de notas na mão, a ponta da caneta esmagando o papel.

— Caio Albuquerque, 22 anos, acadêmico de Odontologia.

— Dandara Silva, 24 anos, acadêmica de Fisioterapia.

A inspetora suspirou. — Muito bem, doutores. O IML já levou o corpo do senhor Roberto, técnico agrícola da BioAgro. O que diabos aconteceu com ele? E falem numa língua que eu entenda. Não sou médica, lido com buracos de bala, não com gente que sangra pela gengiva até morrer.

Caio pigarreou, assumindo a postura que usava nos seminários. — Inspetora, foi um colapso tecidual agudo. O epitélio de revestimento dele falhou. Do ponto de vista imunológico, parecia uma resposta exacerbada. Os neutrófilos e macrófagos dele, as células de primeira linha de defesa, devem ter entrado em frenesi. Ele sofreu uma degranulação massiva de histamina. Mas a

rapidez da necrose nas mucosas... é como se o corpo dele tivesse deixado de reconhecer as próprias fronteiras.

Dandara levantou-se, cruzando os braços. — Caio está olhando pelo microscópio, inspetora. Deixa-me te dar a visão panorâmica. O corpo do Roberto não é uma máquina fechada que enguiçou. Ele é, ou era, um holobionte.

— Um o quê? — Lúcia ergueu uma sobrancelha.

— Um ecossistema. Nós somos formados por células humanas e trilhões de microrganismos. Nossa microbiota. Bactérias, fungos, vírus que vivem na nossa pele, na boca, no intestino. Eles não são invasores, são um órgão do nosso corpo. Eles digerem comida, fabricam vitaminas e, o mais importante, "conversam" com o nosso sistema imune. Eles ensinam o corpo sobre o que tolerar e o que atacar.

Lúcia apontou a caneta para o chão manchado. — E o que a bactéria do intestino tem a ver com aquele show de horrores?

— Tudo — respondeu Dandara. — Se o Roberto trabalhava com os agrotóxicos da BioAgro, ele estava exposto a substâncias desenhadas para aniquilar. A lógica dessas empresas é a do neocolonialismo agrário: matar tudo o que não seja a semente de soja patenteada por eles. Eliminar o "Não-Próprio". Esterilizar a terra. Acontece que, ao tentar esterilizar o mundo lá fora, ele esterilizou o mundo lá dentro. O produto químico provavelmente causou uma disbiose fatal.

Caio arregalou os olhos. — Você está dizendo que o produto matou a microbiota dele, e sem os microrganismos para regular a imunidade, o sistema de defesa dele atacou o próprio corpo? Fogo amigo sistêmico?

— Exato. A fronteira caiu. Mas não porque uma bactéria "do mal" invadiu, como você adora pensar, Caio. A fronteira caiu porque o diálogo simbiótico foi silenciado. Nós,

profissionais da saúde, somos treinados como macrófagos de jaleco: vemos uma doença, queremos fagocitar, destruir, prescrever antibiótico e jogar uma bomba nuclear. Mas a saúde não é isolamento, é *simpoiese*. É o "fazer-com". Quando você quebra essa relação de vida em comum, a morte é violenta.

Lúcia guardou o bloco de notas. Havia um brilho perigoso em seus olhos castanhos. — Três mortes idênticas. Todos da mesma divisão da empresa. Eles estão manipulando um novo composto químico nas fazendas da zona leste. Um tal de "Éden-7". Eles dizem que vai revolucionar o mercado, que purifica o solo de qualquer praga.

— "Purificar" — murmurou Caio, ironicamente. — A velha ilusão da assepsia europeia do século dezenove, agora engarrafada e vendida em galões. E pelo visto, o Éden-7 é tão intolerante à diversidade biológica que induz o corpo humano a um extremismo celular.

Dandara sorriu de canto para Caio. — Olá, senso crítico. Que bom que você apareceu, playboy.

Antes que Caio pudesse devolver a provocação, ele tirou discretamente um pequeno tubo tipo *Eppendorf* do bolso do jaleco. Dentro, havia um *swab* — um cotonete estéril — manchado com uma amostra da mucosa oral de Roberto que ele havia coletado um segundo antes da chegada dos paramédicos.

— Inspetora — disse Caio, a voz baixa, de repente transformando a clínica num cenário de filme noir investigativo. — Eu tenho uma amostra. Se Dandara estiver certa e a lógica desse crime for a falência do ecossistema corporal pelo Éden-7, precisamos provar. Mas se entregarmos isso à Polícia Científica oficial...

— A BioAgro tem políticos no bolso que fariam a amostra sumir antes do jantar — completou Lúcia, seca. — Conheço a necropolítica desta cidade. O mercado dita

quem vive no centro e quem morre intoxicado na periferia. Onde vocês podem analisar isso em segurança?

Dandara olhou para o fundo do corredor da faculdade, na direção do Laboratório de Imunologia Básica, que cheirava a mofo e a falta de verba do Ministério da Educação.

— Eu conheço um lugar. Mas primeiro, precisamos entender de onde essa coisa veio. Precisamos ver o mundo degradado de onde o Roberto saiu.

---

## **CAPÍTULO 3**

### **O Exposoma de um Crime: Investigação no Antropoceno**

O carro da inspetora Lúcia era um sedã descaracterizado que cheirava a café velho e a óleo de motor. No banco de trás, Caio lutava com o cinto de segurança emperrado enquanto observava a paisagem pela janela. O concreto vertical da metrópole dava lugar,

gradativamente, a uma vastidão perturbadora.

Eles haviam chegado à fronteira agrícola da zona leste. Ali, a selva de pedra encontrava um mar verde e simétrico de monocultura. Não havia pássaros. Não havia mato nas margens. Apenas quilômetros de plantas clonadas, alinhadas em uma perfeição militar. Era o Antropoceno escancarado: a era em que a força humana alterou a geologia e a biologia da Terra, reduzindo a complexidade da vida a uma planilha de Excel focada em lucros.

Entre os campos de cultivo e a rodovia, espremida como um resto de alimento entre os dentes do capital, estava a comunidade de Vila Esperança. Casas de alvenaria sem reboco, esgoto correndo a céu aberto e um pó químico amarelado cobrindo os telhados de zinco.

Lúcia estacionou. Caio desceu do carro e imediatamente tossiu. O ar tinha um gosto metálico.

— Bem-vindo ao *Exposoma* do Roberto e das cinco mil pessoas que moram aqui — disse Dandara, apontando para a comunidade.

— Exposoma? — perguntou Lúcia, travando o carro.

— É a soma de todas as exposições ambientais que um indivíduo sofre desde a concepção até a morte — explicou Caio, lembrando-se das aulas de Patologia, enquanto cobria o nariz com a manga da camisa. — Não é só a genética que determina se você adocece. É o ar que você respira, a água que bebe, o estresse que passa, a comida ultraprocessada que consegue comprar. O exposoma modula a nossa biologia. E o exposoma deste lugar é tóxico.

Eles caminharam pelos becos de terra batida. Dandara cumprimentava algumas pessoas; ela já havia atuado ali em projetos de extensão universitária de saúde coletiva.

Na varanda de uma das casas, uma mulher idosa tentava tricotar, mas suas juntas

estavam grossas, deformadas e avermelhadas. Dandara se aproximou com gentileza, pedindo licença para tocar suas mãos. A futura fisioterapeuta fechou os olhos, palpando a fáscia e os tecidos moles.

— Dona Maria, como estão as dores? — perguntou Dandara.

— Ah, minha filha. É o corpo pegando fogo por dentro. Todo dia é um cansaço que não passa. E os meninos novos também estão assim. A barriga incha, a pele enche de pereba, a gengiva sangra por qualquer coisa.

Caio ajoelhou-se ao lado de um garoto de uns dez anos que brincava com uma bola murcha. O menino tossia seco, e nos cantos de sua boca, Caio notou lesões angulares persistentes e uma palidez que gritava anemia crônica.

— Com licença, amigão, deixa o tio dar uma olhada. Abre a boca.

O menino obedeceu. Caio acendeu a lanterna do celular. As mucosas estavam altamente

reativas, com úlceras aftosas que não condiziam com uma simples má higiene.

Caio levantou-se e puxou Dandara e Lúcia para perto. — Não é só o Roberto. A comunidade inteira está num estado de hipervigilância imunológica. O tecido fascial que a Dandara tocou está rígido porque o corpo está em inflamação crônica. Doenças psicossociais, poluição, pobreza... tudo isso já vinha mantendo o sistema imune deles no limite.

— Mas e o Éden-7? — perguntou a inspetora, olhando para os tratores da BioAgro NeoCol que pulverizavam as plantações a menos de cem metros dali. O pó amarelo viajava com o vento diretamente para os pulmões das crianças.

— O Éden-7 é o gatilho final — concluiu Dandara, a raiva fervendo em sua voz. — Eles construíram uma vida sob um estresse brutal. Isso é a necropolítica em ação, inspetora. O Estado determina que os corpos destas pessoas são descartáveis em prol da

expansão do mercado. O medo de perder a casa, a fome, o trabalho exaustivo... tudo isso alterou o relógio biológico deles.

— Modificações epigenéticas — sussurrou Caio, conectando os pontos. Ele subitamente sentiu repulsa do mundo privilegiado de onde viera. — O trauma social e ambiental ligou e desligou genes dentro do DNA deles. É uma herança maldita. Essa população inteira já nasceu com uma barreira epitelial e intestinal fragilizada. O Éden-7 não está apenas envenenando as pessoas... ele está quebrando o último elo de tolerância imunológica delas.

— A intolerância extrema — filosofou Dandara, observando o trator distante. — A BioAgro quer um mundo binário: a lavoura deles e mais nada. Sem pragas, sem insetos, sem diversidade. O extremo oposto da vida. E ao forçar essa intolerância no ambiente, eles estão ensinando o sistema imune da população a ser extremista também. O corpo do Roberto não aguentou. O sistema dele atacou todas as barreiras ao mesmo tempo.

Lúcia sacou a arma e verificou o carregador, um gesto automático de quem sabe que a verdadeira guerra estava apenas começando.

— Temos o motivo e temos a arma do crime flutuando no ar — disse a inspetora. — Agora, acadêmicos, precisamos da prova material. Vamos voltar para aquele laboratório caindo aos pedaços de vocês. Precisamos analisar aquele *swab* e descobrir qual é a assinatura química do Éden-7 antes que a BioAgro descubra que estamos cheirando o lixo deles.

Enquanto voltavam para o carro, sob o céu alaranjado e sufocante do Antropoceno urbano, Caio percebeu que a assepsia era uma mentira mortal. O desafio não era destruir o invasor. O desafio era aprender a viver e morrer neste mundo degradado, sem deixar que ele dissolvesse o que ainda restava de humanidade em cada um deles.

---

## CAPÍTULO 4

### Tolerância Central e Extremismo Periférico

O Laboratório de Imunologia Básica da Universidade Federal era um monumento ao descaso público. O ar-condicionado pingava ritmicamente sobre um balde de plástico rachado, e o cheiro de ágar nutritivo misturava-se ao odor de poeira acumulada em teses de mestrado esquecidas.

Eram duas da manhã. A Inspetora Lúcia vigiava o corredor escuro através do vidro da porta, uma mão descansando casualmente sobre o coldre. Lá dentro, Caio e Dandara operavam um cromatógrafo gasoso acoplado a um espectrômetro de massas — o único equipamento de ponta do andar, doado por uma fundação de fomento anos atrás e mantido a duras penas pelos bolsistas.

Caio inseriu a amostra do *swab* de Roberto no compartimento de extração. O zumbido da máquina preencheu o silêncio tenso.

— Sabe o que me assusta? — disse Caio, ajustando os parâmetros no computador de tela trincada. — O sistema imune humano é, em tese, a máquina de aprendizado mais

sofisticada que existe. Durante o nosso desenvolvimento, lá no timo, as nossas células T passam por uma escola rigorosíssima. É o que chamamos de *Tolerância Central*.

Dandara encostou-se na bancada de granito, cruzando os braços. — A escola onde o corpo aprende quem ele é.

— Exato — confirmou Caio, os olhos fixos no gráfico que começava a se formar na tela. — O timo apresenta todas as proteínas próprias do corpo para os linfócitos em treinamento. Se um linfócito reconhece uma proteína do próprio corpo e tenta atacá-la, ele é forçado a cometer suicídio celular. Apoptose. Apenas as células que toleram o "Eu" sobrevivem e vão para a corrente sanguínea. É um sistema perfeito de auto-preservação.

— Era para ser perfeito — corrigiu Dandara, com um sorriso amargo. — Até a perspectiva eurocêntrica do capital resolver invadir a biologia. O erro dessa sua imunologia clássica, Caio, é achar que o "Eu" termina na

pele. Que tudo o que está fora do timo é inimigo.

Caio parou de digitar e olhou para ela. As últimas horas em Vila Esperança haviam rachado suas certezas cartesianas. — Onde você quer chegar?

— A tolerância central nos ensina a não atacar as nossas próprias células humanas — explicou Dandara, a voz ecoando suavemente entre as bancadas. — Mas e os trilhões de bactérias do nosso intestino? E os fungos da pele? Eles não foram educados no timo. Pela lógica binária e militarizada, o nosso corpo deveria aniquilá-los. Mas não o faz. Por quê? Porque nós praticamos a *Tolerância Periférica*. Nós criamos células T-reguladoras que dizem: "Ei, essas bactérias são de fora, mas elas trabalham com a gente. Elas são parceiras. Não atirem". Nós somos o Holobionte. A nossa sobrevivência depende de abraçar o que não é nosso.

Lúcia, sem tirar os olhos do corredor, murmurou: — Então o corpo humano é mais

diplomático que o Congresso Nacional. Que novidade.

— Exatamente, inspetora! — exclamou Dandara, apontando para a máquina. — Mas o que acontece quando uma empresa como a BioAgro joga um produto químico como o Éden-7 no ambiente? Eles operam na lógica do extermínio. Eles não querem diplomacia com as pragas ou com as ervas daninhas. Querem um mundo estéril, limpo e lucrativo. Uma ilusão total de pureza.

O computador apitou. Caio inclinou-se sobre a tela, os olhos arregalados enquanto lia a cadeia molecular decodificada pelo espectrômetro.

— Meu Deus... — sussurrou o estudante de odontologia. — O Éden-7 não é apenas um veneno direto. Ele é um hapteno sintético de altíssima reatividade.

— Traduz, garoto — pediu Lúcia, dando um passo para dentro da sala.

— Um hapteno é uma molécula pequena demais para causar uma resposta imune por si só — explicou Caio, a respiração acelerada. — Mas quando o Éden-7 entra no corpo... ele se liga covalentemente às proteínas das bactérias comensais do nosso organismo. Ele se liga à microbiota do Roberto. E ao fazer isso, ele muda a "cara" dessas bactérias amigáveis.

A compreensão atingiu Dandara como um soco. — Ele transforma a nossa própria microbiota em um corpo estranho letal aos olhos do sistema imune.

— Sim! — Caio gesticulava, extasiado e aterrorizado pela biologia. — A tolerância periférica é quebrada. O sistema imune olha para o intestino, para as gengivas, para os pulmões, e de repente não vê mais parceiros simbióticos. Vê monstros irreconhecíveis. O Éden-7 induz o corpo a um *Extremismo*. Ele força o sistema imune a adotar uma postura binária, totalitária: ou é humano, ou deve ser destruído. E como estamos cheios de

bactérias, o corpo ataca a si mesmo em todas as frentes. As barreiras derretem.

— O neocolonialismo engarrafado — concluiu Dandara, a voz sombria. — Eles impõem uma intolerância extrema no ambiente agrícola, e a química deles traduz essa intolerância para dentro das nossas células. Eles estão fabricando uma guerra civil imunológica para vender soja.

Antes que pudessem imprimir os resultados, as luzes do corredor piscaram e se apagaram. O gerador de emergência roncou à distância, mas o andar continuou imerso nas sombras. Apenas o brilho pálido do monitor iluminava o rosto dos três.

O som de botas pesadas marchando sobre o piso de granito ecoou pelas escadas. Não era o vigilante noturno da universidade. Eram passos cadenciados, múltiplos e rápidos.

Lúcia sacou a pistola calibre .40. O clique metálico de destravamento soou alto no laboratório silencioso.

— Salvem esse arquivo num pendrive. Agora!  
— ordenou a inspetora. — O extremismo acabou de bater à nossa porta.

---

## **CAPÍTULO 5**

### **Necropolítica e a Cascata de Citocinas**

A adrenalina sequestrou a sala. Caio tateava os bolsos do jaleco em busca de um pendrive, derrubando uma caixa de pipetas de vidro que se estilhaçaram no chão. O barulho foi um convite. Os passos no corredor aceleraram, transformando-se em uma corrida agressiva em direção ao Laboratório de Imunologia.

— Achei! — gritou Caio, espetando o pequeno dispositivo USB no computador. A barra de transferência na tela parecia rastejar, ironizando a iminência da morte.

Dandara agarrou uma garrafa de álcool absoluto 99% e um isqueiro de bico longo usado para acender os bicos de Bunsen. Se a

diplomacia biológica havia falhado, a diplomacia do fogo seria a última barreira.

Três homens vestindo ternos táticos escuros, sem identificação, pararam do outro lado do vidro da porta do laboratório. Um deles ergueu um rádio comunicador. O outro, empunhando uma escopeta com silenciador adaptado, apontou para a fechadura.

*Puff. Puff.*

Dois tiros abafados destruíram o miolo da porta. A madeira lascada voou pelo ar.

— Polícia Civil! Abaixem as armas! — gritou Lúcia de trás de uma bancada de aço inox, com a sua arma mirada na fresta da porta aberta.

O líder dos homens táticos chutou a porta, ignorando o distintivo da inspetora como se fosse poeira. — O Estado não tem jurisdição sobre patentes privadas, inspetora. Entreguem a amostra e o relatório do cromatógrafo. A BioAgro agradece a colaboração acadêmica.

— Vocês estão loucos? Vocês mataram o Roberto e estão envenenando uma comunidade inteira! — gritou Caio, os olhos fixos na barra de download que marcava 98%.

— O mercado exige sacrifícios, garoto — respondeu o homem frio, apontando a escopeta para Caio. — Vila Esperança é um dano colateral aceitável para alimentar dois bilhões de pessoas. É a lei da seleção natural moderna. Nós decidimos quem come, quem vive e quem precisa sumir para o progresso acontecer.

— Mbembe puro... — sussurrou Dandara. — A necropolítica não usa capuz, usa terno de grife. O poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer.

— Copiado! — exclamou Caio, puxando o pendrive e enfiando-o na meia.

— Fogo na barricada! — ordenou Lúcia.

Dandara atirou a garrafa de álcool absoluto no chão, bem na soleira da porta, e apertou o gatilho do isqueiro longo. Uma parede de

chamas azuis e invisíveis irrompeu instantaneamente, criando um vácuo de calor que forçou os mercenários a recuarem tropeçando.

— Pelos fundos! Para a sala de lavagem de vidrarias! — Lúcia cobriu a fuga, disparando dois tiros de advertência contra a parede do corredor para manter os homens encolhidos.

Eles correram pelo meio das bancadas escuras. O laboratório era um labirinto de equipamentos sucateados e pias de descontaminação. A respiração de Caio estava ofegante. No interior de seu corpo, ele sabia exatamente o que estava acontecendo. O estresse extremo ativava seu eixo hipotálamo-pituitária-adrenal. O cortisol e a adrenalina inundavam seu sangue.

— Eles estão contornando! — gritou Dandara, empurrando a porta dupla que dava para a área de expurgo de materiais infectantes.

Os tiros silenciados começaram a destruir os frascos de reagentes nas prateleiras atrás

deles. Ácidos e bases misturavam-se no chão, levantando fumaças tóxicas. Era a materialização de uma *Cascata de Citocinas*.

— Quando a inflamação perde o controle! — gritou Caio, a mente processando o terror através da teoria acadêmica, quase num surto cômico de negação da realidade. — O macrófago avisa o neutrófilo, que avisa o linfócito! Interleucina-1, Interleucina-6, TNF-alfa! Uma tempestade inflamatória! As citocinas atraem mais destruição para o local! Eles são as citocinas da BioAgro!

— Caio, cala a boca e corre! — berrou Dandara, puxando-o pela gola do jaleco.

Eles desceram a escada de serviço de emergência aos tropeços, os degraus de metal zunindo sob seus pés. Lúcia fechou a porta corta-fogo pesada e passou o trinco do lado de dentro. Alguns segundos depois, socos violentos e tiros surdos atingiram a chapa de aço do outro lado. A barreira aguentaria, pelo menos por alguns minutos.

Os três desembocaram no estacionamento escuro dos fundos da Faculdade de Saúde. O ar poluído da madrugada paulistana nunca pareceu tão doce em seus pulmões hiperventilados.

Lúcia encostou-se no carro, enxugando o suor da testa com as costas da mão livre. — Escutem bem, vocês dois. Acabamos de roubar propriedade intelectual de uma corporação que compra juízes no café da manhã. Atiraram na polícia. A narrativa amanhã será que um experimento deu errado e incendiou o laboratório. A partir de agora, não existe mais sistema, não existe mais delegacia para mim, nem faculdade para vocês.

Dandara olhou para as luzes da cidade ao longe. Um mar de assimetria social. O mundo em que viviam estava profundamente degradado, e as instituições que deveriam curá-lo estavam corrompidas pelo capital. O tecido social estava sofrendo uma infecção sistêmica.

— Nós temos o código do Éden-7 — disse Caio, apontando para a própria perna, onde o pendrive estava escondido. — Sabemos como a substância quebra a simbiose humana. E agora? Qual o tratamento para uma disbiose patrocinada pelo Estado?

— Não tem pílula mágica para isso, Caio — respondeu Dandara, ajeitando a mochila nas costas. Seus olhos tinham o brilho de quem já havia enfrentado reintegrações de posse e blindados da tropa de choque. — Se o veneno deles quebra a comunidade biológica lá dentro, a única cura possível tem que vir da comunidade política aqui fora. Não é mais sobre *Immunitas*, sobre criar muros e defesas individuais para não adoecer. Muros não seguram moléculas no Antropoceno.

Lúcia destravou o carro. — É, garota. É hora da *Communitas*. Vamos nos esconder. Conheço um lugar na Baixada onde o Estado e a BioAgro não entram. Mas precisamos entender a extensão do dano genético que eles causaram.

Caio entrou no banco de trás, sentindo o peso histórico de tudo aquilo. A inflamação crônica do mundo cobrava seu preço. O silêncio do carro cortando a noite não era um alívio; era apenas o período de incubação antes que a verdadeira febre começasse.

---

## **CAPÍTULO 6**

### **Epigenética da Trincheira: Heranças do Mundo Degradado**

A Baixada dormia com um olho aberto. Lúcia conduziu o sedã por vielas tão estreitas que os retrovisores raspavam no tijolo aparente das casas. Ali, o asfalto cedia lugar ao pó e ao esgoto a céu aberto, um lembrete físico de onde terminava a jurisdição do Estado de bem-estar social e onde começava a zona de sacrifício do Antropoceno.

O carro parou em frente a um desmanche de veículos desativado. Nos fundos, escondida atrás de pilhas de carcaças enferrujadas que pareciam esqueletos de dinossauros de metal,

ficava a casa de Dona Cida. Cida era a matriarca daquele pedaço de chão, uma curandeira urbana, parteira e a costura invisível que mantinha a comunidade unida quando a milícia ou o tráfico tentavam rasgá-la.

— Entrem rápido, sem fazer barulho — ordenou Lúcia, empurrando a porta de ferro pesado.

O interior da casa cheirava a arruda, fumaça de lenha e sabão de coco. Dona Cida, uma mulher negra cujas rugas pareciam mapas de batalhas antigas, não fez perguntas ao ver a arma na cintura de Lúcia. Ela apenas apontou para a mesa da cozinha e colocou uma chaleira no fogo.

No sofá desgastado, uma jovem de não mais que dezenove anos embalava um bebê recém-nascido. Era Tainá, neta de Cida. O bebê chorava um choro rouco, fraco e contínuo.

Dandara, movida por um instinto que misturava sua formação em Fisioterapia com

a solidariedade de quem cresceu em espaços semelhantes, aproximou-se. Ela pediu licença com o olhar e tocou levemente o abdômen do bebê, depois a base do crânio da mãe.

— A musculatura dela está rígida como uma corda de violão prestes a estourar — sussurrou Dandara para Caio, que observava a cena com os ombros tensos. — Sinta o trapézio dela, Caio.

Caio hesitou, mas tocou levemente o ombro da jovem mãe. Era pedra pura.

— Isso não é só cansaço de quem não dorme — continuou Dandara, a voz embargada por uma tristeza clínica. — O corpo dessa menina está lutando uma guerra invisível. A Tainá cresceu escutando tiros de fuzil rasgando o telhado. Ela passou fome nas crises econômicas que o mercado inventou. Isso é uma doença psicossocial. O estresse crônico inunda o corpo com glicocorticoides. O eixo de estresse dela nunca teve permissão para desligar.

Dona Cida serviu o chá de erva-cidreira em copos de vidro de requeijão. — A menina nasceu com o susto no corpo, doutora. E o menino ali herdou o susto dela. Ele não digere o leite, vive empolado.

Caio aproximou-se do bebê. A pele do recém-nascido apresentava manchas descamativas graves. Ele delicadamente puxou o lábio inferior da criança. As gengivas, mesmo sem dentes, estavam inchadas e cianóticas.

— Dandara... — chamou Caio, a mente odontológica conectando as peças do quebra-cabeça biológico. — O esmalte dos dentinhos de leite se forma ainda no útero. Se formos fazer uma radiografia, garanto que haverá hipoplasia. Falhas na matriz do dente. Mas o que me assusta é a inflamação de base. Esse bebê não teve tempo de desenvolver uma placa bacteriana. O sistema imune dele já nasceu hiper-reativo.

— É a epigenética da trincheira, playboy — respondeu Dandara, sentando-se no braço do sofá. — O DNA de Tainá é o mesmo de

qualquer outra pessoa. Mas o *exposoma* dela... o ambiente violento, o ar poluído, o racismo estrutural que decide que ela não merece saneamento básico... tudo isso funcionou como um interruptor.

Caio assentiu, lembrando-se das entediadas aulas de genética que agora pareciam aterrorizantemente reais. — Metilação do DNA e modificações nas histonas. Grupos químicos se ligam aos genes que controlam a inflamação e os deixam "ligados" o tempo todo.

— Exato — confirmou Dandara. — O trauma social não fica só na mente. Ele desce para a carne. Ele altera a forma como o gene se expressa. E o pior: a Tainá passou essas marcas epigenéticas para o bebê de forma transgeracional. É uma herança do mundo degradado. A necropolítica não mata apenas com balas da polícia, Caio. Ela mata alterando as instruções de montagem das próximas gerações. O corpo já nasce esperando a agressão. Já nasce intolerante.

Lúcia, que ouvia tudo encostada no batente da porta, tomou um gole do chá. — Então a BioAgro não precisa atirar em ninguém aqui na Baixada. Essa população já está com a barreira imunológica comprometida. O Éden-7 vai ser só o sopro que derruba a casa de cartas.

— Precisamos saber o que tem naquele pendrive — disse Caio, puxando o dispositivo da meia. — Se a BioAgro quer um mundo binário, um mercado puro onde só eles controlam a vida e a morte, esse pó amarelo é a ferramenta de genocídio perfeito para quem já está com o corpo inflamado pela miséria.

Cida abriu um armário de madeira e tirou de lá um notebook velho, grosso e com a carcaça rachada, mas que ainda funcionava.

— O neto do vizinho usa para baixar música. Serve para vocês brincarem de detetive? — perguntou a matriarca.

Caio e Dandara se entreolharam. O abismo biológico e social os encarava de volta. Estava na hora de dissecar os segredos do capital.

---

## CAPÍTULO 7

### O Sequestro do Microbioma (Neocolonialismo Patogênico)

A tela do notebook velho piscava, lutando para processar os pesados gráficos do cromatógrafo e os arquivos em formato PDF criptografados que Caio havia baixado da intranet da BioAgro minutos antes da fuga. Lúcia havia coberto as janelas da casa de Cida com cobertores grossos, transformando a sala em um bunker improvisado.

Caio digitava freneticamente. O suor frio escorria de sua testa, misturando-se à poeira da Baixada.

— Quebrei a senha do segundo diretório — anunciou Caio, clicando em uma pasta intitulada *Projeto Gênese-NeoCol*.

Dandara debruçou-se sobre o ombro dele. A tela exibiu um organograma complexo, ligando a fórmula molecular do Éden-7 a um segundo produto, ainda em fase de patente global, chamado *Simbi-Max*.

— Lê o resumo executivo, Caio. Em voz alta — pediu Dandara, os olhos fixos nas cadeias de carbono desenhadas na tela.

Caio limpou a garganta, a voz embargada. — "O defensivo agrícola Éden-7 demonstrou eficácia de 99,9% na erradicação de pragas e fungos nativos. Efeito colateral documentado em mamíferos: ligação hapteno-proteína causando destruição maciça da microbiota comensal

(*Bifidobacterium*, *Lactobacillus* e *Firmicutes*), resultando em falência da tolerância imunológica periférica..."

Ele parou, pálido. — Eles sabiam. Eles sabiam que o veneno causava disbiose aguda e matava o holobionte humano. Eles sabiam que o sistema imune atacaria o próprio corpo até o colapso, como aconteceu com o Roberto e

como está começando a acontecer em Vila Esperança.

— Continua lendo, Caio. Vá para a função do tal *Simbi-Max* — ordenou Lúcia, empurrando o cano da pistola contra a mesa.

— "...Para mitigar os danos ao capital humano nas zonas de expansão agrícola", leu Caio, os olhos arregalados, "a BioAgro lançará o *Simbi-Max*, um consórcio microbiano sintético, geneticamente modificado e patenteado. O paciente que perder sua microbiota nativa pelo Éden-7 precisará consumir doses diárias do *Simbi-Max* para restaurar uma imunossupressão artificial e não morrer de anafilaxia autoimune. Custo estimado por dose mensal: trezentos dólares."

Um silêncio sepulcral engoliu a sala. Até o bebê de Tainá pareceu parar de chorar por um segundo, como se o terror capitalista tivesse congelado o ar.

Dandara afastou-se do computador, passando as mãos pelos cabelos volumosos. Uma risada seca e incrédula escapou de seus lábios.

— Eles não estão apenas vendendo veneno, Caio. Eles criaram o crime perfeito da era biotecnológica. Isso é o *Sequestro do Microbioma*.

— Eu não entendo — murmurou Lúcia. — Eles envenenam o chão para vender o antídoto?

— É pior que isso, inspetora — explicou Dandara, a raiva fazendo suas mãos tremerem. — A microbiota que habita o nosso intestino e a nossa boca é resultado de milhões de anos de coevolução. É uma identidade coletiva, construída com os alimentos que comemos, a terra em que pisamos, as pessoas que beijamos. É a nossa *simpoiese*, o nosso "fazer-com" a natureza.

Caio levantou-se, finalmente compreendendo a monstruosidade da corporação. — A

BioAgro quer aniquilar essa identidade. Eles jogam o Éden-7, um agrotóxico que funciona como uma bomba atômica nas nossas membranas mucosas, destruindo a ecologia original do nosso corpo. A fronteira natural desaba. O nosso sistema imune entra em pânico e começa a nos destruir de dentro para fora.

— E qual a solução que eles oferecem? — completou Dandara, apontando para a tela do notebook. — Eles te vendem um novo órgão. Uma microbiota de laboratório, engarrafada, patenteada e com copyright. Se você parar de pagar o aluguel das bactérias sintéticas deles, o seu sistema imune te mata.

— É o Neocolonialismo Patogênico — sussurrou Caio, encostando-se na parede de tijolos. — Os colonizadores de antigamente chegavam, diziam que a religião e a cultura do povo nativo eram erradas, destruíam tudo e impunham a sua própria cruz para "salvar" a alma deles. A BioAgro está fazendo isso com a biologia humana. Eles esterilizam a

diversidade do nosso intestino e da nossa terra, dizem que a natureza original é ineficiente ou perigosa, e nos obrigam a engolir a biologia formatada pela lógica da exclusão e do mercado. O "Não-Próprio" agora é propriedade privada.

Lúcia olhou para o próprio reflexo no vidro escuro da janela coberta. — Eles transformam a vida humana em um serviço por assinatura. Sem as bactérias deles, o corpo derrete. Com as bactérias deles, você é um escravo químico para o resto da vida.

Dona Cida, que ouvia tudo em silêncio, cruzou os braços. — Antigamente roubavam o ouro e a madeira. Agora tão roubando os bichinhos invisíveis que moram na barriga da gente. O demônio mudou de roupa, doutores, mas a fome dele é a mesma.

De repente, a tela do notebook piscou. O arquivo PDF fechou sozinho. Uma janela preta abriu-se no centro da tela, exibindo linhas de código correndo vertiginosamente.

— Caio, o que é isso? — perguntou Dandara.

— É... é um rastreador de IP reverso! — Caio tentou arrancar o pendrive, mas a máquina havia travado. — O arquivo da BioAgro tinha um cavalo de Tróia! Assim que descriptografamos o texto, ele mandou um sinal de *ping* com a nossa localização!

Lúcia apagou o lampião de gás da mesa e chutou a cadeira para trás, sacando a arma.

— Eles sabem que estamos na Baixada — rosnou a inspetora. O barulho distante, mas inconfundível, de rotores de um drone rasgando o céu noturno começou a vibrar contra as telhas de zinco da casa de Cida. A *Immunitas* corporativa estava vindo aniquilar a pequena *Communitas* que tentava resistir.

---

## CAPÍTULO 8

**Simpoiese no Asfalto: Invasão ao Laboratório**

O zumbido do drone corporativo soava como um enxame de vespas biônicas. Pelas frestas da janela coberta, as luzes vermelhas e azuis do aparelho varriam o quintal de Dona Cida, mapeando o calor dos corpos lá dentro.

— Eles não vão chamar a polícia oficial — disse Lúcia, checando o carregador de sua arma pela décima vez. — Vão mandar a segurança privada limpar o terreno. Sequer vão registrar que estivemos aqui. Para o mercado, nós somos apenas um erro de percurso a ser apagado.

Caio abraçou as próprias pernas no chão da cozinha, sentindo o coração espancar as costelas. Ele olhou para Tainá, que protegia o bebê hiper-reativo com o próprio corpo. Aquele recém-nascido, já inflamado antes mesmo de viver, era a prova viva de que o mundo binário e estéril da BioAgro só trazia adoecimento.

— A gente não pode só fugir, Lúcia — disse Dandara, a voz surpreendentemente firme. — Se a gente correr com esse pendrive, a

BioAgro caça a gente até o fim do mundo. Eles têm dinheiro infinito. Nós temos que fazer o que o sistema imune saudável faz.

— E o que seria, doutora? — ironizou a inspetora, deitando no chão para evitar o feixe de luz do drone.

— Exposição do antígeno. Apresentação. Nós precisamos mostrar pro resto do organismo social quem é o invasor.

Dona Cida levantou-se lentamente. A matriarca não parecia com medo. Caminhou até um rádio amador velho encostado na prateleira de temperos, ligou-o a uma bateria de caminhão e sintonizou uma frequência estática.

— Aqui é a Cida da Baixada — falou a idosa no microfone. O chiado respondeu imediatamente. — Os homens de terno tão na viela três. Tão querendo calar os doutores que descobriram o veneno que tá matando os nossos pequenos. A rua é nossa.

Em menos de dois minutos, o milagre da biologia social aconteceu.

O som do drone foi subitamente abafado pelo ruído de dezenas de portas de ferro se abrindo simultaneamente. O bairro inteiro despertou. Caio, espiando por um buraco no tijolo, viu moradores saindo de suas casas com pedaços de pau, enxadas, fogos de artifício e pneus velhos.

— Meu Deus... — murmurou Caio, os olhos brilhando de fascínio e terror. — É uma resposta inflamatória aguda. O tecido está reagindo.

— É a *Simpoiense* no asfalto, playboy — sorriu Dandara, pegando o cabo USB do computador. — A BioAgro acha que a individualidade é a regra. Eles acham que cada morador aqui está isolado na sua própria casa, com medo. Mas a Baixada é um ecossistema. Quando um sofre, o tecido inteiro se mobiliza. O fazer-com. A vida em comum.

Lá fora, os três utilitários blindados pretos da BioAgro NeoCol tentaram entrar na viela principal. Não conseguiram. Uma barricada de sofás velhos e pneus já ardia em chamas, bloqueando a passagem. Era a alteração da permeabilidade vascular da comunidade: as ruas se fecharam para os invasores e se abriram para a defesa local.

Os mercenários desceram dos carros com fuzis e máscaras táticas, mas hesitaram. Eles eram treinados para intimidar indivíduos isolados, para exercer a necropolítica sobre os invisíveis. Mas quando a massa se organizou, quando os fogos de artifício começaram a estourar na direção deles como citocinas disparadas por macrófagos raivosos, o poder paramilitar vacilou.

— Dandara, o rádio da Cida! — gritou Caio, a mente odontológica e acadêmica trabalhando a mil. — Esse rádio pirata retransmite sinal de internet para a comunidade através de uma antena no morro, não é?

— É a nossa rede de malha! — respondeu Dandara, entendendo o plano.

Eles conectaram o notebook de Cida ao transmissor do rádio. Caio abriu o arquivo PDF do *Projeto Gênese-NeoCol*, a confissão do neocolonialismo patogênico e do sequestro do microbioma. Em vez de tentar enviar o arquivo para a polícia — que estava corrompida —, Caio configurou um disparo em massa.

— Vou jogar nos fóruns da *dark web*, nos servidores de jornais independentes, nos grupos de WhatsApp dos sindicatos rurais e na rede de estudantes das universidades federais — disse Caio, os dedos voando no teclado. — O corpo inteiro vai saber o que a BioAgro fez. Vamos causar uma anafilaxia informacional na empresa deles.

Um tiro de fuzil estilhaçou a janela de vidro da cozinha, passando a centímetros da cabeça de Lúcia. O drone finalmente havia atirado.

Lúcia rolou no chão, ergueu a pistola .40 e disparou três vezes contra o teto de zinco, acertando o aparelho pelo som. O drone caiu no quintal, explodindo em faíscas azuis.

— Baixada um, bilionários zero! — gritou Lúcia. — Faltam dez segundos pro upload, garoto!

Caio apertou a tecla *Enter* com força. A barra de progresso voou de 0 a 100%. O símbolo de "Enviado" piscou na tela velha. O antígeno havia sido exposto. O código genético do crime corporativo agora estava replicado em milhares de computadores ao redor do mundo. A patente estava vazada. O veneno estava desmascarado.

Lá fora, as sirenes da Polícia Militar — finalmente acionadas pelo caos urbano generalizado — começaram a ecoar. Os mercenários da BioAgro, percebendo que o sigilo havia acabado e que estavam cercados por uma comunidade em fúria, recuaram para os blindados e bateram em retirada.

A febre da viela havia cumprido o seu papel.  
A inflamação salvou o hospedeiro.

---

## CAPÍTULO 9

### Immunitas ou Communitas? O Desfecho Holobionte

O amanhecer em São Paulo sempre traz um cheiro agridoce de monóxido de carbono e café requentado. Para Caio e Dandara, sentados no meio-fio da casa de Dona Cida, a luz do sol nascendo através da névoa de poluição parecia a coisa mais linda do mundo.

Lúcia fumava um cigarro barato encostada na viatura descaracterizada. O celular da inspetora não parava de tocar.

— A Polícia Federal acabou de invadir a sede da BioAgro — relatou Lúcia, apagando o cigarro na sola do sapato. — As ações da empresa despencaram trinta por cento na bolsa de Tóquio. A patente do *Simbi-Max* foi invalidada por crime contra a saúde pública, e

o Ministério Público embargou o uso do Éden-7. Os acionistas estão jogando os diretores aos leões para tentar salvar o capital.

Caio soltou um suspiro profundo. A tensão muscular que o acompanhara nas últimas 48 horas finalmente começou a ceder, revelando um cansaço absurdo.

Ele olhou para Dandara. A fisioterapeuta tinha fuligem no rosto e um rasgo na manga do jaleco universitário, que ela se recusara a tirar.

— Sabe no que estou pensando? — perguntou Caio, a voz rouca.

— Na prova de Periodontia que a gente vai perder amanhã? — brincou Dandara, um sorriso fraco desenhando-se em seus lábios.

— Não. Estou pensando no Roberto. Em Seu Alceu. Em Dona Zildete e na Tainá. — Caio olhou para as próprias mãos, calejadas pelos instrumentais odontológicos. — A faculdade inteira foi construída sobre a lógica da *Immunitas*. A imunidade como defesa pura e simples. A imunidade militar, jurídica,

política. Proteger o "Eu" limpando tudo o que está fora. Eu achava que a minha função como dentista era matar bactérias e raspar dentes para isolar o corpo do mundo.

Dandara assentiu, compreendendo. Ela encostou seu ombro no dele, um gesto de simbiose companheira que Caio não rejeitou.

— O paradigma imunológico moderno enlouqueceu a nossa espécie, Caio. A ideia de que somos fortalezas fechadas justificou o racismo, a xenofobia, o neocolonialismo e a aniquilação do meio ambiente. A obsessão pela assepsia nos desconectou da terra. E quando você se desconecta do mundo, o seu corpo entende que o mundo é seu inimigo crônico. A inflamação não para.

— Roberto morreu porque o corpo dele rejeitou a si mesmo na tentativa de ser puro — concluiu Caio. — Mas a resposta não é mais remédio. A resposta não é a patente da BioAgro. A resposta é a *Communitas*.

*Communitas*. A palavra que o filósofo Roberto Esposito opôs a *Immunitas*. Se a imunidade é a recusa do dever para com o outro (o isolamento), a comunidade é exatamente o reconhecimento de que nós partilhamos a dívida da vida. É a quebra das barreiras intransponíveis. É entender que a microbiota é um órgão, que o morador da Baixada é parte do mesmo organismo social que o morador do condomínio de luxo, e que o veneno jogado na monocultura vai inevitavelmente sangrar nas gengivas de quem achava que estava seguro na metrópole.

Dona Cida saiu de casa, trazendo o bebê recém-nascido no colo, já mais calmo após ter sido amamentado e embalado pelas canções ancestrais da avó.

— Vocês arrumaram uma confusão dos diabos, doutores — disse a senhora, com carinho. — Mas arrancaram o dente podre que tava infeccionando a gente.

Caio levantou-se e tocou a cabecinha do bebê. — O dente foi arrancado, Dona Cida. Mas a

marca vai ficar. O trauma epigenético que essas gerações sofreram não desaparece do dia para a noite com a prisão de meia dúzia de engravatados. Nós ainda estamos vivendo num mundo em ruínas.

— Exatamente — disse Dandara, levantando-se e ajeitando a mochila nas costas. — É por isso que o nosso trabalho de verdade não termina com o fim da BioAgro. A aventura de tentar não morrer foi ontem. Hoje, começa a revolução de aprender a curar.

Os três caminharam em direção ao carro de Lúcia. O sol finalmente rompeu a poluição pesada do Antropoceno, iluminando a viela. Não era um amanhecer mágico que resolvia a desigualdade, mas era um dia em que as trincheiras biológicas haviam resistido ao capital.

---

## EPÍLOGO

### Viver e Morrer em Simbiose

*Seis meses depois.*

A nova Clínica Interdisciplinar de Vila Esperança não tinha o chão de granito polido da Universidade Federal. Era um galpão adaptado, com paredes pintadas por grafiteiros locais e janelas imensas que deixavam o ar circular. O cheiro de eugenol ainda existia, mas agora se misturava ao aroma de terra úmida vindo da horta comunitária nos fundos.

Na baia principal, Caio terminava de examinar a boca de Seu Alceu.

— A gengiva parou de sangrar, Seu Alceu. O epitélio juncional se reestabeleceu — disse Caio, guardando o espelho bucal. — Como está a alimentação?

— Menino, desde que a Dandara me botou para plantar couve e mastigar aquelas raízes amargas da horta, meu estômago é outro. E sem aquele pó amarelo voando da fazenda, eu não tusso mais de noite.

Caio sorriu, tirando as luvas. Ele não havia prescrito antibióticos fortíssimos desta vez. Em vez disso, focou na modulação da placa bacteriana e encaminhou o paciente para a horta. Ele sabia que a mastigação de fibras alterava o pH salivar, que o contato com a terra reintroduzia *Mycobacterium vaccae* no sistema imune do idoso, promovendo o aumento de células T-reguladoras e acalmando a inflamação sistêmica.

Ao fundo da clínica, Dandara conduzia uma sessão de cinesioterapia em grupo com mulheres da comunidade, incluindo Tainá, que trazia seu bebê num *sling* atado ao peito. O bebê não tinha mais as placas avermelhadas de urticária, e o choro contínuo havia dado lugar a risadas esporádicas.

A clínica funcionava fora da lógica de aniquilação. Eles não eram "macrófagos de jaleco" bombardeando doentes. Eles eram jardineiros do holobionte.

Caio caminhou até a porta dos fundos da clínica, observando o bairro. A monocultura

da BioAgro havia sido embargada pelo Estado e as terras, após imensa pressão popular, estavam em processo de desapropriação para reforma agrária agroecológica.

Dandara aproximou-se, entregando a ele um copo de café fumegante.

— Você sabe que o mundo ainda está degradado, não é? — perguntou Dandara, observando o asfalto rachado. — O Antropoceno não acabou. As mudanças climáticas vão piorar. A intolerância política ainda existe aos montes. As heranças transgeracionais do estresse ainda estão circulando no sangue dessa gente.

— Eu sei — respondeu Caio, tomando um gole. — Nós fomos treinados para curar doenças, mas algumas feridas deste século são incuráveis na raiz. A perspectiva ocidental nos diria para desistir, construir um muro e proteger apenas o que é "nosso".

Dandara sorriu, o vento bagunçando seus cabelos. — A velha tentação de ser o

"indivíduo limpo". Mas a biologia não permite muros. A única forma de sobreviver no Antropoceno é continuar quebrando as barreiras da exclusão. É a *simpoiese*.

Caio olhou para a comunidade vibrante diante dele. O sistema imune humano, com toda a sua complexidade gloriosa, não é uma arma de guerra. É um órgão de percepção. Ele escuta o ambiente. Se oferecermos a ele um mundo de necropolítica e agrotóxicos, ele nos devolverá a autodestruição autoimune. Mas se oferecermos laços de solidariedade, comida limpa, justiça social e contato genuíno, ele aprenderá a tolerar o "outro".

A ideia de que somos um corpo fechado morreu.

Nós somos a floresta que nos habita e a rua por onde andamos. Nossa boca é a porta de entrada para um universo de trilhões de seres, e nossa pele é apenas uma membrana permeável de afeto e troca.

Para Caio, o futuro dentista, e Dandara, a futura fisioterapeuta, o medo de se contaminar com o mundo não existia mais. Porque a verdadeira cura não estava em escapar da infecção, mas sim em aprender a viver, lutar e morrer em profunda, caótica e maravilhosa simbiose.

---